

A POPULAÇÃO DE LOULÉ DECIDI-
RÁ, NO DIA 16 DE DEZEMBRO,
QUEM IRÁ ADMINISTRAR O MAIS
VASTO CONCELHO DO ALGARVE.
QUE NINGUÉM FALTE A CUM-
PRIR O SEU DEVER DE VOTAR.

A Voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00) N.º 756

ANO XXVII 13/12/1979

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Telef. 6 25 36 LOULÉ



POVO ORDEIRO votou na ordem democrática

Por LUIS PEREIRA

Para já três grandes derrotas: o Partido Socialista, o Presidente da República e a Engenharia Pintassilgo. A vitória da AD constitui uma esperança, embora não se espere, de um momento para o outro, a estabilização definitiva do regime.

O novo Hospital Distrital de Faro já funciona

A convite da respectiva Comissão Instaladora foi há dias proporcionada aos órgãos da comunicação social uma visita às novas e magníficas instalações do Hospital Distrital de Faro, cuja grandeza de concepção se espera venha a corresponder às necessidades da população algarvia.

As carências são muitas ainda e, por isso, a nova unidade hospitalar trabalha apenas a pouco mais de 10% das suas reais possibilidades.

Espera-se que a transferência e serviços para ser operada até final do ano, embora a capacidade operacional se mantenha, por enquanto, igual ao hospital velho.

No próximo número daremos pormenores da visita que efectuámos.

O Povo humilde, calmo e sereno, encarando com realismo a importância destas eleições intercalares, correu maciçamente às urnas para votar maioritariamente na ORDEM e no TRABALHO, aliás, dois factores essenciais à consolidação de uma autêntica DEMOCRACIA.

Antes de mais, nós VERDADEIROS PORTUGUESES, vamos exigir que, pelo menos, se restaure um clima de confiança na iniciativa privada, se restaure um clima de segurança e se controle eficazmente o crime e a corrupção.

São problemas possíveis de serem solucionados dado que o alto grau de civismo do Povo Português aponta precisamente nesse sentido da Ordem e da disciplina. Só quem pode temer a autoridade democrática são os que recebem a própria essência de uma DEMOCRACIA PLURALISTA.

Sem dúvida que o PS das mãos de fada terá de submeter-se paci-

ficamente à escolha do POVO PORTUGUÊS. A sua oposição democrática ou em conjugação com a APU permite-nos-á ajuizar da sua capacidade de entendimento e de respeito pelos semelhantes. Porque se o PS alinhar numa oposição de política (continua na pág. 9)

A vitória da AD

Simboliza o raiar de uma nova
aurora de Liberdade e Democracia

Cansados de tanta demagogia e tantas ruturas provocadas por sistemas políticos de há muito experimentados e falhados noutros países, a maioria dos portugueses acorreu a votar no dia 2

de Dezembro para tentar alterar a linha governamental que nos tem orientado desde Abril de 1974.

Regoziamo-nos por que a maioria tivesse votado na mudança, porque na esperança de que novos rumos vão ser seguidos a bem de todos os portugueses... e não apenas de alguns privilegiados.

A vitória da Aliança Democrática dá-nos a reconfortante certeza de que vamos continuar vivendo em Democracia: os governos mudam consoante a vontade livremente expressa pelas maiorias.

Assim, se os homens que vão governar Portugal se portarem (continua na pág. 2)

cional, expressaram serenamente nas urnas, pela arma harmoniosa e apaziguadora do «voto» o seu querer, o «Poder Democrático», retirando audaciosamente, coerente e inteligentemente, a velha e arrombada gloriosa nau nacional da zona latídica da tormenta, para onde são inaptos, inconscientes e impunes responsáveis navegadores, tão inábeis uns e tão traiçoeiros outros, a conduziram.

Drásticamente arrombada, mes-

(continua na pág. 7)

PPD/PSD preconiza

Casa dos refugiados das ex-colónias em Loulé

Atento às necessidades fundamentais dos numerosos refugiados das ex-colónias que vivem e trabalham actualmente no concelho de Loulé, o PPD/PSD pensa também que se torna imperioso criar um centro de convívio e de reunião, onde melhor se (continua na pág. 7)

METER O PÉ NAS ARGOLINHAS

Até os mais ingénuos já vão sabendo que um dos principais objectivos dos comunistas é roubar todo a quem tem alguma coisa e por isso as pessoas que têm uma casita, um pedacinho de terra, ou algum dinheirinho no banco, detestam e quase odeiam o Comunismo.

Têm muito amor àquilo que é seu e que foi criado com o seu trabalho e é evidente que, por isso mesmo, não querem viver numa sociedade comunista, onde só os privilegiados do Partido são donos e senhores de tudo e de todos.

Mas aconteceu que, infelizmente, as eleições do dia 2 mostraram que há ainda muita gente tão pouco esclarecida que dizendo-se detestar o comunismo, dizia aos amigos que ia votar na Aliança das argolinhas, para ajudar a derrotar os comunistas...

Isto é indescritível verdade e sabe-se que ocorreu um pouco por todo o país...

Muitos meteram o pé na argola por engano.

Mas a maioria não meteu o pé nas argolinhas porque já sabe perfeitamente que o principal objec-

(continua na pág. 7)

RUMO À DIGNIDADE

SERÁ O SLOGAN COM QUE O GENERAL GALVÃO DE MELO
SE CANDIDATARÁ À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

O General Galvão de Melo é um dos nomes que o 25 de Abril tornou conhecido da grande maioria dos portugueses porque a sua personalidade se evidenciou pela forma intransigente como procurou defender Portugal logo que percebeu que a nossa Revolução estava a ser dirigida e controlada por Moscovo.

Em 27 de Maio de 1974, falou pela primeira vez aos portugueses para os alertar dos perigos iminentes que já via desenharem-se no nosso horizonte político. Fê-lo como membro da Junta de Salvação Nacional ao ler uma carta que lhe foi dirigida por um «Português autêntico» que já nessa altura se insurgia contra o descalabro que estava a verificar-se por todo o país em nome duma pretensa liberdade.

Foi um acto de grande coragem o ter lido aquela carta numa altura em que a rádio e a televisão e parte da imprensa di-

ria já estava a ser controlada por um Partido Comunista que se diz português. Isso valeu-lhe (continua na pág. 3)

AMEIXIAL

rejubilou com a inauguração da luz eléctrica

Com a presença de entidades oficiais e de muito povo da freguesia, procedeu-se aqui à inauguração da luz eléctrica, o que se efectuou no dia 29 de Novembro findo.

O acontecimento que teve fortes de sensacional e de grande regozijo para todos, foi festejado com farândolas de foguetes e muitas salvas de palmas, se-

guindo-se lauto repasto, posto à disposição de toda a população.

O contentamento dos ameixialenses é verdadeiramente justificado, não é preciso salientá-lo, até porque vem dar à terra um ar mais civilizado e atraente, especialmente de noite.

Se é verdadeiro o provérbio que diz que quem espera sem-

(continua na pág. 2)

JOSÉ MANUEL MENDES BOTA

Uma esperança
na administração local



Ao contrário do que infelizmente, está acontecendo com a maioria dos jovens de hoje, que se contentam em saber ler mal, escrever mal e aprender a contar por calculadoras de algibeira, José Manuel Mendes Bota desde muito novo que revelou excepcionais qualidades de inteligência, dinamismo, discernimento e de trabalho.

Graças a estes factores, distin-

guiu-se facilmente na instrução primária (foi laureado com o Prémio Professor Cabrita da Silva) e no Liceu de Faro, tendo sido activo elemento do Núcleo de Loulé do Corpo Nacional de Eventos, circunstância que muito contribuiu para a formação do seu carácter e vincada personalidade.

O seu amor ao estudo e a natural vocação para a música, des-

(continua na pág. 4)

VOTAR É UM DEVER
QUE TODO O CIDADÃO
CONSCIENTE
NÃO DEVE FURTAR-SE

A vitória da AD simboliza o raiar de uma nova aurora de Liberdade e Democracia

(continuação da pág. 1)
 mas até às próximas eleições, serão os portugueses a decidir quem deve continuar a governá-los.

Nas chamadas Democracias Populares, que unicamente apregoam as «maiores liberdades», acontece exactamente o contrário: os chefes do partido único impõem despoticamente a sua vontade ao longo de muitos anos... até ficarem xexés...

A verdadeira democracia é assim: permite a todos os cidadãos poderem continuar vivendo no seu país, mesmo que os governos mudem.

Mas quando um regime comunista é imposto, acontece exactamente o contrário: os não comunistas têm que fugir como pássaros ao som do 1.º tiro.

E aconteceu mais uma vez em Angola e Moçambique onde fugiram milhares de naturais pretos, brancos e mestiços e também em Portugal mal se pressentiu a força dos comunistas nos governos que se seguiram ao 25 de Abril.

Mas agora, nem os comunistas têm que fugir e nem os portugueses precisam o regresso ao 24 de Abril, pela simples razão de que continuaremos a ter vários partidos a influenciar as decisões do governo.

Parece-nos, portanto, que há fortes razões para dizermos que todos estamos de parabéns: Portugal vai continuar a ser governado por portugueses e não por mentores ao serviço de partidos estrangeiros.

A hora é de mudança e de esperança — em melhores dias para todos os portugueses.

É reconfortante poder afirmar-se que, pela 1.ª vez, em Portugal, o governo perdeu as eleições.

É a isto que se chama Democracia. Que fique bem claro para os filhos das trevas.

Embora sujeito a qualquer ligeira rectificação, abaixo damos nota dos resultados das eleições no concelho de Loulé e respeitantes aos 3 principais partidos. Depois daremos os restantes quando obtivermos números certos:

	AD	PS	APU
Amansil	1380	691	564
Ameixial	377	241	58
Alte	799	1234	192
Boliqueime	1480	827	217
Loulé	3893	2347	1739
Parragil	465	280	85
Quarteira	1832	1387	448
Querença	556	504	117
Salir	1070	930	233
Vale Judeu	340	176	14

AMEIXIAL

rejubilou com a inauguração da luz eléctrica

(continuação da pág. 1)
 pre alcança, o povo desta aldeia teve razão em esperar pacientemente ao longo de cinco anos,

que esses trabalhos, após vicissitudes várias, viessem finalmente a ver-se realizados.

Agora, resta-nos esperar que a «nossa» água surja em breve em abundância nas condutas, em condições de poder ser fornecida aos domicílios e que isso aconteça no mais curto espaço de tempo, são os nossos mais ardentes votos.

Finalmente Ameixial tem energia eléctrica. Esperamos agora pela água ao domicílio. E que seja para breve: antes das novas eleições.

M. F. J.

LUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Pires Correia,
 n.º 31 — Telef. 62406
 LOULÉ

A QUALIDADE QUE VOCÊ EXIGE

está agora ao seu alcance

Galerias Pinto Gago, Lda.

Um novo estabelecimento ao serviço do
 BOM GOSTO DECORATIVO

ESPECIALIZADA EM:

Móveis Clássicos * Mobiliário de Jardim * Grande diversidade em Móveis de Bambú * Tapeçarias Decorativas * Carpetes de Arraiolos
 Candelários * etc.

— TUDO PARA O SEU LAR —

Nas Galerias PINTO GAGO, LDA.

Vale da Venda - Telef. 28588 - Estrada 125 - FARO

(6-5)

José Gago Bordeira, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL
 DE LOULÉ

Segundo Cartório

Notário: Licenciada
 Maria Odília Simão Cavaco
 e Duarte Chagas

CERTIFICO; — para efeitos de publicação que por escritura lavrada no dia vinte e dois deste mês, de folhas 80 v.º, a 83, do Livro n.º B-61, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima indicado, foi constituída entre José Gago Bordeira, Luís Manuel Dias Bordeira Rodrigues e Inácio Rodrigues Pereira, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá nos termos constantes dos artigos seguintes:

Artigo Primeiro — A sociedade adopta a firma de «José Gago Bordeira, Limitada», vai ter a sua sede na vila, freguesia e concelho de São Brás de Alportel, na Rua António Rosa Brito, sem número, podendo estabelecer as sucursais e delegações que entender e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

Artigo Segundo — A sociedade tem por objecto a compra de cortiça, sua preparação e fabricação e venda dos produtos por ela produzidos ou transformados, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

Artigo Terceiro — O capital social, em dinheiro, integralmente realizado e já entrado na Caixa Social, é de um milhão de escudos, dividido em três quotas, uma de duzentos mil escudos do sócio José Gago Bordeira, outra de quatrocentos mil escudos do sócio Inácio Rodrigues Pereira e outra de quatrocentos mil escudos do sócio Luís Manuel Dias Bordeira Rodrigues.

Artigo Quarto — Poderão ser feitas prestações suplementares de capital mediante deliberação da Assembleia Geral, podendo ainda qualquer sócio fazer à Caixa Social os suprimentos de que ela carecer, nas condições a acordar em Assembleia Geral.

Artigo Quinto — Parágrafo Primeiro — A transmissão de quotas, a título gratuito ou oneroso, é livre entre os sócios ou entre estes e a Sociedade, no todo ou em parte.

Parágrafo Segundo — A transmissão de quotas, entre-vivos a título gratuito ou oneroso, total ou parcial, a estranhos, depende do consentimento prévio da sociedade, à qual em primeiro lugar, e aos sócios em segundo, e por ordem decrescente da importância das suas quotas, fica reservado o direito de preferência, nas transmissões por título oneroso; — abrindo-se licitações entre os preferentes se as suas quotas forem iguais.

Parágrafo terceiro — O só-

cio que desejar transmitir a estranhos a sua quota, no todo ou em parte, assim o comunicará à sociedade e a cada um dos restantes sócios, por carta registada com aviso de recepção, indicando a pessoa ou pessoas à qual pretende fazer a transmissão, preço e cláusulas do respectivo contrato.

Artigo Sexto — Parágrafo primeiro: — A gerência será exercida por todos os sócios que ficam desde já nomeados gerentes, com dispensa de caução e remunerados conforme for deliberado em Assembleia Geral.

Para gerência pode ser designada qualquer outra pessoa com o acordo da Assembleia Geral.

Parágrafo segundo: — A sociedade obriga-se com a assinatura de dois gerentes ou seus procuradores, bastando a assinatura de qualquer deles para os actos de mero expediente.

Parágrafo terceiro: — Os gerentes não poderão assinar letras de favor, fianças ou abonações ou por qualquer outra forma obrigar a sociedade em interesses alheios aos negócios sociais.

Artigo Sétimo — As Assembleias Gerais ordinárias reunir-se-ão uma vez por ano, dentro do prazo legal, para aprovação do balanço e contas, e deverão ser convocadas por carta registada com aviso de recepção, com pelo menos oito dias de antecedência. As extraordinárias reunir-se-ão sempre que qualquer dos sócios assim o entenda, devendo ser convocadas pela mesma forma, sempre que a lei não exija outras formalidades.

Artigo Oitavo — A sociedade não se dissolve pelo falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, continuando com os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito.

Sendo vários os herdeiros deverão nomear um entre eles que a todos represente na sociedade. Enquanto o não fizerem será o mais velho que terá legitimidade para tal.

Artigo Nono — A sociedade poderá amortizar qualquer quota nos casos seguintes:

1. — Insolvência ou falência do sócio titular;
2. — Arresto, arrolamento, penhora ou apreensão por

qualquer forma da quota em processo judicial, fiscal ou administrativo;

3. — Venda ou adjudicação judicial;

4. — Violação do disposto nos presentes estatutos ou na lei relativamente à cessão de quotas a terceiros ou por comportamento irregular susceptível de atingir os interesses da sociedade.

5. — Por acordo com o seu titular.

O valor da amortização será o que resultar do último balanço, aprovado, acrescido do fundo ou fundos de reserva. O valor da amortização ou preço a pagar no caso de utilização do direito de opção, quer por parte da sociedade, quer por parte dos sócios, poderá ser pago em quatro prestações trimestrais de igual montante, vencendo-se a primeira no trisésimo dia a contar da data da comunicação da deliberação respectiva. As três últimas prestações vencerão juro à taxa máxima permitida pela lei civil. Considera-se realizada a amortização com o pagamento ou depósito na Caixa Geral de Depósitos da primeira prestação.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 3 de Dezembro de 1979.

A notária,
 Maria Odília Simão Cavaco
 e Duarte Chagas

VENDE-SE

Toyota «Dina» de 3500 K. Ano 77 c/12.400 km.

Trata: Crescenciano Mendes. Rua Pedro Nunes n.º 82 — LOULÉ.

(3-2)

VENDE-SE

Terreno de regadio, com 10.120 m2. Sítio dos Virgílios (entre Faro e Olhão), com 100 m de frente para uma rua já electrificada. Tratar Tel. 65583 — QUARTEIRA.

VENDEM-SE

Apartamentos de 3 assoalhadas em Faro, bem situados. Trata Manuel Bota Filipe Viegas, Telef. 94115 — Vale d'Éguas — Almancil — 8100 LOULÉ.

APARTAMENTOS E TERRENOS

ALUGAM-SE E VENDEM-SE APARTAMENTOS E TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO E AGRICULTURA.

TRATAR COM CONCEIÇÃO FARRAJOTA, RUA D. AFONSO III - R/C, Fte. — QUARTEIRA, OU PELO TELEF. 65852 (das 20-22 h.).

(6-4)

RUMO À DIGNIDADE

(Continuação da pág. 1)
os maiores insultos e sérias ameaças, mas deu também muitas esperanças aos portugueses que acreditavam ainda nas boas intenções dos promotores da Revolução, mal sabendo que os bons eram tão poucos que rapidamente seriam corridos por aqueles que apressadamente, queriam entregar aos soviéticos não só as nossas riquíssimas províncias ultramarinas como inclusivamente neste pequeno rectângulo europeu de onde a União Soviética mais facilmente poderia estrangular o resto da Europa que não está ainda sob o seu poderoso domínio político, económico e territorial.

Ao longo destes 5 anos de Revolução o General Galvão de Melo tem sido uma figura muito controversa e combatida por quantos ao serviço de ideologias estrangeiras, nos querem roubar aquilo que hoje nos prometem: a Liberdade. Mas este é um bem que deve ser defendido com entusiasmo por aqueles que o consideram como um inalienável direito do Homem. Infelizmente vivemos numa época tão triste que é preciso ter-se muita coragem para se lutar contra os que, autodenominando-se de «libertadores» nada mais têm feito que escravizar povos à sua despótica e soberana vontade.

E o General Galvão de Melo, ao longo da sua carreira política já demonstrou ser um Homem de muita coragem, porque se a não tivesse, a sua atitude seria exactamente igual à de muitos outros generais das nossas Forças Armadas: metia-se debaixo da cama e, de vez em quando, punha a mão de fora para ver se o temporal já tinha passado...

E exactamente porque se tem revelado um incógnito cidadão é que um grupo de portugueses entendeu que era o Homem indicado para se candidatar à Presidência da República. Sem dúvida que tem nível para exercer essas funções porque é capaz de acabar com as indefinições políticas que têm arrastado este país para a miséria económica e descalabro social a que já chegou.

Plenamente consciente das responsabilidades inerentes ao pesadíssimo cargo de dirigir um País que atravessa uma das mais graves crises da sua história, o General Galvão de Melo aceita assim um autêntico desafio num momento crucial em que os portugueses se interrogam acerca do futuro de um país cada vez mais pobre e endividado. Mas é preciso, é urgente, é imperativo que alguém tenha a saudável coragem de assumir responsabilidades e esteja disposto a servir um país que, nos últimos 5 anos, tão mal tem sido servido e tão traído tem sido por portugueses que tinham o indeclinável dever de defender a sua pátria, mas

que antes a têm procurado vender à desmedida ambição do imperialismo soviético.

Contra esses, devemos todos lutar e apoiar os que se mostram dispostos a ficar na frente de combate, arriscando tudo por tudo para que nem tudo se perca na voragem dos que nos querem engolir.

Da capacidade de Galvão de Melo para assumir as responsabilidades a que é chamado falam as suas atitudes energéticas na Assembleia da República, os discursos que tem proferido e as palestras (em que a sua voz é escutada com a atenção que merece), nos artigos que tem publicado na imprensa e nos 5 livros que já publicou e através dos quais se revela o Homem honesto e sabedor, inteligente e culto, hábil e lúcido, perspicaz e prudente, judicioso e versado, atilado e profundo conhecedor das realidades portuguesas e portanto capaz de enfrentar problemas que se põem hoje ao nosso país e tentar resolvê-los com a lucidez de um político e a capacidade de um homem de acção empenhado em trilhar novos e mais promissores caminhos para uma Nação que tão carecida tem andado de homens competentes e honestos, sabedores, prudentes e realistas.

E Galvão de Melo é tão realista que aceitou candidatar-se a mais de um ano de distância das eleições para dar tempo a que maior número possível de portugueses, que possam vir a votar na sua pessoa, o conheçam o melhor possível, através de contactos directos, evitando assim que possam ser enganados ao votar num desconhecido que percorra o país de braços erguidos e agradecer as palmas e os vivas.

Galvão de Melo vai ser um candidato diferente porque já começou a percorrer o País, de terra em terra, de lugar em lugar, de reunião em reunião, para contactar com os portugueses e conhecê-los melhor e revelar-lhes a sua personalidade, desbobinando a sabedoria de um cérebro privilegiado, dizendo aquilo que pensa e ouvindo as mais diversas opiniões acerca de problemas locais que, no fundo, são problemas do País. Quer falando a auditórios de milhares de pessoas, quer em conversa amena com meia dúzia de pessoas, é sempre agradável ouvir um homem que deixa transparecer dignidade, brio profissional e envergadura moral para combater qualquer adversário no campo político, porque tem argumentos válidos, coerentes e incisivos.

No momento em que escrevemos este artigo estamos perfeitamente à vontade para dizer tudo isto acerca de Galvão de Melo porque já o conhecemos melhor do que a maioria dos portugueses que apenas o viram na televisão ou falar em comi-

cios. Na qualidade de candidato à Presidência da República já esteve 2 vezes no Algarve e ouvimo-lo de perto falar de política, de economia, de problemas laborais, de organização administrativa, num diálogo aberto e esclarecedor, respondendo a perguntas, falando com naturalidade, com a excelente dicção que lhe é peculiar, (com a capacidade de discernimento que o caracteriza) dialogando com trabalhadores nas fábricas, com empresários, com amigos e desconhecidos em pequenas e grandes reuniões para que todos o conheçam melhor e perfeitamente à vontade para que se saiba o que quer e que rumos o país deve seguir para sair da tremenda crise em que propositadamente nos enterraram.

E podemos ainda acrescentar que temos agora um conhecimento mais directo da pessoa do General Galvão de Melo porque, há dias, o Gabinete que foi criado no Porto para apoiar a sua candidatura nos proporcionou uma deslocação àquela cidade na sua companhia e aí assistimos também a indimentáveis provas da popularidade que já disfruta na capital nortenha e cujos cidadãos se caracterizam por um patriotismo de que sempre deram brilhantes provas ao longo da nossa história. Por isso não estranhámos a calorosa manifestação de que foi alvo o General Galvão de Melo à sua chegada

(continua na pág. 8)

OS PREMIADOS DOS JOGOS FLORAIS DO ALGARVE

Exactamente na data prevista no parágrafo 8 do regulamento dos Jogos Florais do Algarve 1979, que se realizam pela quarta vez consecutiva, a organização (Racal Clube) torna públicos os nomes dos distinguidos neste importante centame cultural.

O Júri, constituído pelos Drs. Maria das Dores Santa-Cruz, Joaquim Magalhães e Elias Iria, atribuiu os seguintes 78 prémios divididos por 34 autores (avisados directamente pelo correio — e só estes, de acordo com o mesmo parágrafo do regulamento), prémios que serão entregues na noite de 8 de Dezembro em Silves:

EXTRA-CONCURSO — «Aventuras de Menino» de M. Patrício. POESIA LÍRICA — 1.º Prémio — Noémia Brogueira, Lagoa («Poeta do Mar»).

2.º — M. Lurdes Canteiro, Agualva («Livre é todo isto»).

3.º — M. Amélia Almeida, Lisboa («Terceira Idade em Agualva»).

SONETO — 1.º prémio — Artur Rego, Lisboa («A Eterna Luta»).

2.º — M. Lurdes Canteiro, Agualva («Tu e o Mar»).

3.º — Palma Rodrigues, Alcobaca («Demora»).

POESIA OBRIGADA A MOTE — 1.º prémio — (Não atribuído).

2.º — João Brás, Portimão («Mar do Algarve»).

3.º — Noémia Brogueira, Lagoa («O Mar do Meu País»).

POESIA ALEGÓRICA A SILVES — 1.º prémio — João Braz, Por-

timão («Rosa do Chenchin»).

2.º — M. Lurdes Canteiro, Agualva («Moira Encantada»).

3.º — Palma Rodrigues, Alcobaca («Regresso»).

POESIA POPULAR — 1.º prémio — Joaquim Sá Dias, Mem Martins («A Nossa Vida é Bem Contada»).

2.º — M. Amélia Novais, Porto («Quem seu berço humilde enjeita»).

3.º — Artur Rego, Porto («Nossas mãos são tão severas»).

POESIA... — 1.º prémio — M. Lurdes Canteiro, Agualva («Em Cada Primavera»).

2.º — A. A. Guedes da Silva, Porto («O Injeção»).

3.º — António S. Coentro, Lavradio («O Falhado»).

POESIA C/ MOTE — A) — 1.º prémio — Mário C. da Silva, Lisboa («Por Baixo do Teu Vestido»).

2.º — Palma Rodrigues, Alcobaca («Que Segredos Descobri»).

3.º — Alexandre R. Fernandes, Sto. Ovídio («O Vento Também Andava»).

POESIA C/ MOTE — B) — 1.º prémio — Ernesto Nunes, Coimbra («Eu Nasci Lobo do Mar»).

2.º — Eduardo L. Dias, Peniche («Eu Nasci Lobo do Mar»).

3.º — Manuel Patrício, Lisboa («Meu Amor! Anda Comigo!»).

POESIA HUMORÍSTICA — 1.º prémio — Reis D'Andrade, Fuzeta («No Quintal da Minha Amada»).

2.º — M. Lurdes Canteiro, Agualva («Zé Pacóvio»).

3.º — Albino Aguiar, V. Leiria («Humor Negro»).

Em 1978 a Ford produziu mais de 85.000 Tractores e criou 17.305 técnicos.



Não basta ser apenas um dos maiores fabricantes de tractores do Mundo. É necessário que o produto esteja apoiado em bons técnicos, na especialização e eficiência dos concessionários.

A Ford possui, na Europa, dez centros de treino especiais, onde são ministrados cursos de serviço e vendas a toda a organização de tractores Ford.

Só em 1978, 17.305 especialistas aumentaram os seus níveis de conhecimentos teóricos e práticos sobre tractores, em cursos que somaram 254.642 horas de treino intensivo.

Veja a linha de tractores Ford em 1979 no concessionário da sua área. E verifique Você próprio a satisfação que é negociar com profissionais competentes especializados pela Ford.

TRACTORES FORD. UMA EQUIPA DE TRABALHADORES INCANSÁVEIS. ...COM MAIS DE 60 ANOS DE EXPERIÊNCIA.

FOMENTO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA.
Largo de S. Luís - Telef. 23061/4
8000 FARO



LOULEPÃO

LEMBRA À POPULAÇÃO DE LOULÉ E EM ESPECIAL AOS SEUS CLIENTES QUE AS SUAS FESTAS DE NATAL PODERÃO SER MAIS ALEGRES SE FOREM FESTEJADAS COM O JÁ FAMOSO

Bolo Rei da LOULEPÃO

O MOMENTO POLÍTICO

por
— JOSÉ DA SILVA —

Foi-me pedido que, como cidadão independente, prestasse o meu depoimento sobre o momento político que se vive no País em vésperas das eleições intercalares.

A primeira nota que julgo de salientar é a de que, apesar de intercalares, estas eleições vão exprimir, tanto quanto o processo o permite, a vontade actual da Nação e que nesse aspecto, elas serão pelo menos, tão válidas como as anteriores. E digo pelo menos porque o próximo voto pode ser bastante mais ponderado. O chamado «regime provisório», que preencheu os primeiros dois anos do pós-25 de Abril, acabou por não ser regime nenhum no meio das contradições, impasses e anarquia que o caracterizaram. Pretendeu-se pôr-lhe fim a Constituição de 1976, que impõe uma organização económico-social assente «no desenvolvimento das relações de produção socialistas, mediante a apropriação colectiva dos principais meios de produção e solos, bem como dos recursos naturais e o exercício do poder democrático das classes trabalhadoras». E mais: nem sequer admite que a Nação possa, em revisão constitucional, anular o caminho do colectivismo. Os nossos deputados constituintes, apesar das constantes reafirmações da respeito da vontade popular, acabaram afinal por votar uma Constituição de cariz marxista e menos democrática que a de 1933.

Este projecto constitucional apresenta-se tão avesso à realidade social dominante a Norte do Tejo que ainda não foi tentada sequer a sua aplicação nessa zona. Ao Minho, Trás-os-Montes, Beiras e Alentejo não chegou, nem se fez chegar, a Revolução, mantendo-se aí inalteráveis as bases da organização económico-social anterior ao 25 de Abril. Já o 25 de Abril é aceite como democracia política e rejeitada como Revolução. A única revolução social verdadeira que aí se tem processado nas últimas duas décadas foi realizada pelos emigrantes, à

base do trabalho e do patriotismo e fora dos esquemas da luta de classes. Mas esses nossos emigrantes constituem a classe mais desfavorecida do ponto de vista político: valem pelo dinheiro que mandam, mas não valem pelos votos que deviam representar.

Também os trabalhadores de cá irão votar apoiados numa experiência original. Após o 25 de Abril, os seus salários, foram aumentados, recebendo hoje, em notas iguais às antigas mais do dobro do que antes recebiam. Mas receber mais significará realmente ganhar mais? 3 000\$00 de Abril de 1974 chegavam para comprar 2 000 jornais ou 2 000 bilhetes de autocarro (2 zonas) ou 500 folhas de papel selado ou para pagar 2 000 bicas ou o porte de 3 000 cartas. Hoje, as 500 folhas de papel selado ou as 2 000 bicas custam 15 000\$00, o porte das 3 000 cartas custará 19 500\$00 e os 2 000 jornais ou os 2 000 bilhetes já sobem a 20 contos. O exemplo poderia traduzir-se em viagens de comboio, em pares de calçado, em artigos de confecção, em quilos de carne e de peixe. Mas, para além disso, o trabalhador tem de pagar indirectamente os défices dos jornais, o desemprego dos filhos e os serviços que, por um motivo ou por outro, ou não funcionam ou funcionam mal. Foi nisto, até agora, em que redundou a melhoria da qualidade de vida que se prometeu ao Povo no anunciado país novo. Por tudo isto penso que a próxima votação será a mais consciente de todas as que se fizeram depois do 25 de Abril.

A segunda observação que julgo poder fazer é a de que a próxima votação ainda será, como as anteriores, assente num voto mais de esperança, que de adesão. O nosso povo sente e vive os problemas a nível de freguesia e concelho, mas não a nível nacional. Daí ser apenas fácil pôr a democracia a funcionar a nível das autarquias locais de base — na freguesia e no concelho. Nas condições actuais da eleição de deputados, com os círculos de âmbito distrital e a inadmissibilidade de candidatos independentes, os eleitores votam em partidos cujos programas, em regra,

desconhecem e elegem deputados que não escolheram e cujos nomes em regra também desconhecem. E os deputados eleitos passam a representar mais o partido que os escolheu que os eleitores que lhes deram o voto.

Daí que o próximo voto vá continuar a ser um voto mais de esperança que de adesão. Talvez até se possa dizer que será em parte também um voto de rejeição. É que as próximas eleições se vão processar numa perspectiva de bipolarização das forças políticas. O voto na Aliança Democrática vai ter propriamente o significado de rejeição do projecto colectivista de sociedade em que comunistas e socialistas coincidem no essencial.

Finalmente, direi que acredito que a Aliança Democrática vai ganhar. E, se assim, acontecer, oxalá que consiga governar.

(De «O Primeiro de Janeiro»)

O Partido dos Gatunos

Num número muito superior a um milhão, nenhum desses portugueses e alguns seriam comunistas, foi procurar trabalho, ou encontrou adbalho, em qualquer país comunista.

A própria China, que sob a direcção de Mao Tsé-Tung viveu trinta anos em regime comunista mitigado, está a desprender-se dele desde que a pressão moral desse Chefe feneceu.

Enquanto isto se verifica nos países comunistas, do lado contrário, dos países sujeitos ao regime democrático, aos regimes da liberdade política, a vida é bem diferente e tem outra dignidade. Até economicamente a vida nestes países é bem diferente da vida naqueles outros.

Basta dizer-se que outrora grande parte do pão que se comia vinha da Ucrânia, o chamado ce-

leiro russo; e hoje a Rússia e os seus satélites somem o pão que lhes fornecem a América do Norte, e o Canadá e a Austrália, países não comunistas.

Perante estas verdades, que nem os comunistas conseguem esconder, porque continuam eles a meter ao povo, prometendo-lhes a felicidade no comunismo?

Prometem essa felicidade os mentirosos, os caluniadores, os tralhas, os desleais, os sem vergonha e os traidores que são os comunistas.

Quando Hitler alcançou o Poder o seu pogroma ora o extermínio dos comunistas de todo o mundo a começar pelos da Rússia que seria invadida e destruída.

Esta conhecia isto; estava ciente disto, tinha a certeza disto.

Mas Hitler, temendo o auxílio (continua na pág. 6)

O Levantamento Cultural do País

A Fundação Calouste Gulbenkian, avalizada pela Secretaria de Estado da Cultura, está empreendendo o Levantamento Cultural do País.

Para conhecermos melhor os seus objectivos, quais os seus próximos projectos, quais os meios de que dispõe, quais as tarefas já cumpridas, tornou-se oportuno conhecer, da boca dos seus principais responsáveis — Carlos Walenstein e Armindo Mendes de Carvalho — quais as suas impressões sobre o assunto.

É isso, em jeito de entrevista, que aqui seguidamente reproduzimos.

— Antes de mais, gostaríamos de saber exactamente de quem partiu a iniciativa de realizar o levantamento cultural do país e que lacunas procura ele preencher...

— O levantamento cultural do país é uma ideia que fervilha há muitos anos, na Fundação Gulbenkian e que surge de uma necessidade prolongadamente sentida pela Fundação na sua experiência de actividade cultural. Ao longo destes vinte anos da sua existência, a Fundação Gulbenkian tem programado, na medida do possível, iniciativas culturais, mas sentindo sempre uma indeterminação, já que a paisagem cultural do País nunca havia sido bem definida. Havia falta de dados, não havia estatísticas; e, especialmente no campo da actividade cultural, não há, nem tem havido, a preocupação de recolher esses dados. Assim, quem quer programar uma acção cultural está sempre como quem está diante da terra antes de ter sido inventada a agricultura. Sem saber o que há e o que não há, isto é, sem um inventário da actividade cultural deste país que fosse uma base indispensável para uma programação com cabeça, tronco e membros. Foi um vácuo que em várias oportunidades da sua vida, a Fundação foi sentindo e denunciando.

Até que, em 1976, pareceu que era a ocasião. Estavam reunidas condições de compreensão do reconhecimento dessa lacuna, em termos de se poder avançar para o levantamento cultural do país. Nessa altura, a Fundação fez um projecto que considerou exequível e desejável e tentou obter apoio das entidades oficiais. Em primeiro lugar da Secretaria de Estado da Cultura, que deu, imediatamente, o seu aval. O I Governo Constitucional inscreveu o «Levantamento Cultural do País» no seu programa de Governo, e a nossa actividade e existência não têm sofrido, até hoje, qualquer contestação.

Tanto a Gulbenkian como a Secretaria de Estado da Cultura

tem necessidade de conhecer os mapas culturais; isto é, têm necessidade de saber o que há neste país em matéria cultural. Mais: todos nós temos necessidade de o saber, visto que não o sabemos, nem o sabemos ainda.

— E para que serve na prática o Levantamento Cultural?

— Para fazer cultura. Pois não vamos fazer mapas muito bonitos para depois os encaixilhar e pôr na parede. Apesar do nosso departamento ser «paralítico» — pois não devemos ter acções culturais propriamente ditas — podemos, porém, dar elementos a quem as queira e possa desenvolver.

— Sabemos que foi lançado um inquérito a nível nacional; mas, concretamente, como «arrancou» o Levantamento Cultural do país?

Quando se pensou no Levantamento Cultural do país pensou-se também na metodologia que iria ser prosseguida. Essa metodologia era, fundamentalmente, a seguinte: primeiro, tratava-se de saber qual o objectivo do levantamento cultural do país, ou seja, saber quais os instrumentos de natureza cultural de que as populações, a Nação portuguesa, se servem para viver. Isto, por um lado. Por outro, essa metodologia permitirá, ou pelo menos tem em vista, uma provável, possível e futura programação cultural. Mas como este campo é muito vasto, houve que restringir os objectivos do levantamento cultural a duas grandes divisões: uma, o levantamento dos agentes culturais ou o levantamento dos equipamentos culturais. Ou seja, quem faz ou quem pode vir a fazer cultura, e onde

se faz ou pode vir a fazer ou programar actos culturais.

Só depois desta definição foi avançado outro princípio metodológico: um grande inquérito a nível nacional, inquérito este que já se iniciou e com o qual procuramos saber o que é que existe em termos de agentes e equipamentos culturais em todas as povoações do país inscritas nos recenseamentos.

— Tiveram alguma colaboração das entidades oficiais no lançamento desse inquérito?

— Apelámos para o Ministério da Administração Interna, que nos deu o seu apoio, tendo feito reunir aqui em Lisboa todos os Governadores Cívicos numa manhã memorável — memorável até porque, ao que sabemos, foi a primeira vez que os Governadores Cívicos se reuniram tendo como motivo um assunto de ordem cultural. Reunião essa onde lhes foram entregues pessoalmente os pacotes contendo os boletins de inquérito.

— Portanto, podemos dizer que ainda se está na primeira fase do levantamento cultural...

— Sim. Ela estará concluída quando emitirmos inquéritos sectoriais e recebermos as respectivas respostas, que estamos agora a averiguar, por exemplo, é quais são as sociedades recreativas existentes, mas, depois queremos saber o que é que elas fazem. Se têm tiro aos pratos, se fazem teatro, se projectam filmes, etc. Isto em termos de agentes culturais. Em termos de equipamento cultural, queremos saber se têm máquinas de projecção, se têm palco, etc. etc.

A segunda fase corresponderá a uma avaliação dos dados que nos foram fornecidos. Isto é, va-

(continua na pág. 6)

JOSÉ MANUEL MENDES BOTA

Uma esperança na administração local

(continuação da pág. 1)
pentaram em José Manuel Mendes o gosto pelo canto, pela citação e pelo teatro, não tendo dificuldade em tocar guitarra.

Como orador, já as suas qualidades se revelaram publicamente, pelo dom da palavra, pela facilidade de expressão, pela clara dicção, pelo concerto de ideias que esplanava.

Como poeta já tem dado prova dos seus méritos através do que tem publicado na imprensa, com ainda no livro que editou.

Como jornalista é aquilo que os leitores de «O Voz de Loulé» sabem: o crítico consciente por vezes mordaz; a palavra certa no lugar exacto para exprimir uma ideia, para expor um plano de acção, para fazer um comentário oportuno, para defender os interesses da sua e nossa terra. Sim, porque, José Manuel Mendes é um dos bons louletanos e filho de um também nosso conterrâneo muito conhecido e estimado pelas suas qualidades de carácter, honradez e natural simpatia: o considerado comerciante José Viegas Bota.

José M. Bota tem desenvolvido intensa actividade radiofónica, quer na R. D. P.-Sul, quer posteriormente na R. D. P.-3 no Quilhas, em Lisboa, como comentarista, locutor e cronista.

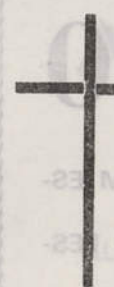
É presidente da Associação de Ciclismo de Faro e membro da Comissão Pró-Museu, tendo lutado intransigentemente pela instalação e criação de um Museu Municipal.

E se, a tudo isto, acrescentarmos que José Manuel M. Bota tem apenas 24 anos de idade e já concluiu a sua licenciatura em Economia há quase 2 anos, facilmente se compreende a forma válida como tem aproveitado bem as horas da sua ainda curta vida.

Aluno brilhante desde as primeiras da escola, evidenciou-se no liceu e foi distinto aluno na Faculdade de Economia revelando assim uma invulgar capacidade de trabalho e discernimento.

Face a tudo isto, era evidente que tal elemento convinha ser aproveitado para dar o seu contributo à gestão da Câmara Municipal de Loulé e daí a razão porque o PSD o convidou para 2.º da lista para as eleições autárquicas, convencido de que o seu prestígio contribuirá para o progresso do nosso Concelho — no caso de ser eleito Vereador.

Na verdade, após uma fase revolucionária em que as mais incompetentes foram chamadas a dirigir, em todo o País, os lugares-chaves de maior responsabilidade (para, propositadamente travar o progresso e destruir a nossa economia — o que conseguiram) parece-nos que já é tempo de procurarmos gestores competentes para a administração pública e local, de forma a dirigir honesta e capazmente os destinos deste país e fazer alguma coisa para se recuperar o atraso que já tínhamos em relação à Europa mais evoluída e da qual nos distanciámos ainda mais após o 25 de Abril.



AGÊNCIA FUNERÁRIA

ROSÁRIO

Com gerência
de **JOÃO C. B. GUERREIRO**

FUNERAIS E TRANSLADAÇÕES PARA O PAÍS
E ESTRANGEIRO

TELEF. 62271 P. D. AFONSO III

LOULÉ

(3-2)



CONCURSO BODAS DE PRATA

28 DE JULHO DE 1979 A 28 DE JULHO DE 1980

REGULAMENTO

1. OBJECTIVO DO CONCURSO

O concurso tem como objectivo comemorar entre os seus clientes o 25.º Aniversário de actividade, ao serviço do público do Algarve, da firma FARAUTO.

2. VALIDADE DO CONCURSO

O concurso realiza-se entre os dias 28 de Julho de 1979 e 28 de Julho de 1980, período do 25.º Aniversário.

3. FORMA DE CONCORRER

A) Cada compra efectuada nos nossos estabelecimentos de valor superior ou igual a 200\$00 (duzentos escudos), corresponderá a um ponto. As compras de valor superior darão direito a tantos quantos os múltiplos de 200\$00 existirem por feito.

Ex.: Compra de 3.900\$00 equivale a 19 pontos.

B) Os pontos são representados por selos autocolantes, com o emblema do 25.º Aniversário, tendo no canto superior esquerdo a sobrecarga com o número de pontos.

Existem selos com valor de 1 (um), 5 (cinco), 10 (dez), 20 (vinte), 50 (cinquenta) e 100 (cem) pontos.

C) Contra a entrega simbólica de 20\$00 (vinte escudos) serão fornecidas cadernetas, onde são colocados os selos autocolantes.

D) Após o dia 28 de Julho de 1980 e até ao dia 30 de Setembro de 1980, proceder-se-á em qualquer das instalações da firma à troca das cadernetas identificadas com o nome e morada do concorrente, por selos numerados.

E) Por cada 100 (cem) pontos colocados nas cadernetas, o concorrente receberá um bilhete numerado, sendo a troca efectuada com base no algarismo das centenas.

Ex.: 343 pontos equivale a 3 números, 4977 pontos equivale a 49 números, considerando-se no entanto o total de pontos de cada caderneta, para concorrentes com mais que uma caderneta.

4. SORTEIO

No dia 20 de Outubro de 1980, sob a fiscalização do Governo Civil de Faro, nas instalações da firma, no Largo do Mercado em Faro, pelas 17 horas, rea-

lizar-se-á o sorteio entre os números entregues aos clientes.

5. PRÉMIOS

- 1.º Prémio — Um automóvel CHEVETTE 2 portas
- 2.º Prémio — Uma Vespa 125
- 3.º Prémio — Vale de compras «FARAUTO» no valor de 20 000\$00
- 4.º Prémio — Vale de compras «FARAUTO» no valor de 15 000\$00
- 5.º Prémio — Vale de compras «FARAUTO» no valor de 10 000\$00
- 6.º Prémio — Vale de compras «FARAUTO» no valor de 5 000\$00
- 7.º a 10.º Prémios — Vale de compras «FARAUTO» no valor de 2 500\$00.

6. DISPOSIÇÕES FINAIS

A) O concurso é vedado a todos os colaboradores da firma FARAUTO.

B) Os prémios devem ser levantados até ao dia 31 de Dezembro de 1980, após o que reverterão para uma instituição de Assistência a indicar pelo Governo Civil de Faro.

Aprovado pelo Governo Civil de Faro, em 14-05-79.

**ESPERAM-NO
ALICIANTE PRÉMIOS**

SERVIMOS NO ALGARVE PORTUGAL INTEIRO

EM FARO

FARAUTO 1 — Largo do Mercado, 60
FARAUTO 2 — Largo do Mercado, 51
FARAUTO 3 — Largo do Mercado, 49

FARAUTO 4 — Largo do Mercado, 50

FARAUTO 5 — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 50

— Venda de veículos
— Peças legítimas
— Oficinas de ligeiros
— Pronto socorro ACP
— Estação de serviço
— Combustíveis
— Electrodomésticos
— Aquecimento
— Conforto

Telefones 23 032 a 23 037 (7 linhas)
Telex 18 219 Faraut

FARAUTO 6 — Rua Dr. Cândido Guerreiro, 55

FARAUTO 7 — Rua de S. Luís, 3

FARAUTO 8 — Rua de S. Luís, 4

FARAUTO 9 — Praça D. Francisco Gomes

FARAUTO 10 — EN 2, Km 735,8 — Campinas

— Produtos agrícolas
— Pesticidas
— Sementes
— Artigos de limpeza
— Oficina Diesel
— Oficina de gás
— Transporte de fluidos
— Abastec. combustíveis
— Abastec. combustíveis

EM PORTIMÃO

FARAUTO 11 — Rua D. Carlos I, 5
FARAUTO 12 — Largo Heliodoro Salgado, 23

— Venda de veículos
— Peças legítimas

FARAUTO 13 — Rua D. Carlos I, 3

FARAUTO 14 — Largo Heliodoro Salgado, 23

— Oficina
— Pronto socorro ACP
— Estação de serviço
— Combustíveis

Telefones 23 083/4 (2 linhas)
Telex 18 249 Faraut

**PEÇA INFORMAÇÕES À
FARAUTO**

Telefone 23036 — FARO

O PARTIDO DOS GATUNOS

(continuação da pág. 4)
que o ocidente teria de prestar aos países que haveriam de ser pisados pelas hordas nazis na invasão à Rússia, resolveu destruir primeiramente aquele para depois ter bastante campo de manobra para destruir esta.

Depois de apossar-se da Áustria e da Tchecoslováquia, Hitler preparava-se para tomar a Polónia quando a França e Inglaterra reuniam para impedir o criminoso avanço sobre esta, e passaram a encontrar-se com Staline para, em união de forças, fazer gorar o terrível êxito de um louco seguido por um povo embriagado de êxitos sucessivos e rápidos.

Quando os negociadores ingleses e franceses se encontravam em Moscovo a negociar com os russos o *modus faciendi* de impedir o avanço das hordas nazis, os jornais de todo o mundo anunciavam uma visita do ministro Ribbentrop a Moscovo.

Ninguém no mundo aceitava então com o fim desta visita: mas três ou quatro dias depois, em plena negociação com os russos, o mundo teve conhecimento que acabava de ser assinado um tratado de não agressão entre Alemanha e Rússia.

Era a traição; e surpreendidos com tal traição, os delegados franceses e ingleses fizeram as malas e regressaram aos seus respectivos países.

Poucos dias depois, os alemães invadiram a Polónia pelo ocidente e os russos invadiram-na pelo oriente.

Estes detivaram-se na linha Curzon e aqueles chegaram aí, pelo ocidente.

Assim, e pela traição, se destruiu um país.

Inglaterra e França, presas a um compromisso, o de defender a Polónia, não o traíram, e declararam guerra à Alemanha, e principiam a organizar os seus exércitos.

A Inglaterra enviou as suas forças, numericamente fracas, para Dunquerque; mas a Alemanha, na tática de não deixar acumular forças que começavam a crescer, invadiu a França que em 15 dias foi derrotada, e as forças inglesas tiveram de retirar num esforço de fuga que foi, sem dúvida, uma acção heróica de estratégia e de inteligência.

Daí em diante, Hitler aflagava o seu sonho doirado de tomar a Rússia e preparava forças para invadir e realizar o seu sonho de glória.

Enquanto se preparavam estas forças, Hitler não esquecia a necessidade de invadir a Inglaterra, e com a invasão desta engolava Staline que estupidamente admitia que a Alemanha se esgotaria nesta empresa; mas todo o material acumulado em portos franceses, belgas e holandeses, para a travessia da mancha e do Mar do Norte foram numa noite destruídas pela aviação e pela marinha inglesa.

Nos tempos que decorreram neste desideratum, os alemães ti-

veram a activa ajuda dos comunistas franceses que, em obediência ao patrão comunista, traíram a sua pátria e os seus amigos. Eles exerciam espionagem a favor da Alemanha, e praticavam toda a casta de sabotagem contra os aliados. (França e Inglaterra).

Na impossibilidade de invadir rapidamente a Inglaterra, Hitler não pôde contar por mais tempo o seu sonho doirado de destruir a Rússia e os comunistas, e uma noite, em Junho de 1941, invadiu a Rússia, a sua aliada e amiga.

Foi, desde o momento da invasão da Rússia que os comunistas franceses, os traidores à sua Pátria e ao mundo, começaram a sentir a doçura do Poder nazi.

Claro que os comunistas de todo o mundo, incluindo, como não podia deixar de ser, os portugueses, colaboraram com o fascismo-nazismo alemão enquanto a Rússia não foi por ele invadida.

Este facto histórico da traição comunista não pode ser esquecido e nunca o será até porque a traição é um atributo de raiz comunista.

Mas então os comunistas que eram anti-nazis e passaram a ser pró-nazis, voltaram a ser anti-nazis e a sabotar a actividade guerreira e criminosa nazi.

Mas o facto dos comunistas voltarem a combater os nazis não apaga os seus actos de traição, de deslealdade, de embuste, de falsidade e de mentira, e nem tais qualidades esmaecem neles.

Eles sabem pelo que aconteceu na Rússia e nos restantes países comunistas que o regime da propriedade colectiva é a falência da agricultura, mas nem por isso deixaram de arrastar os camponeses alentejanos de assaltar as propriedades alheias, o que se explica pelo ódio que têm a quem possui um quintal para semear favas.

É o ódio contra quem possui que os faz agir e nunca a bondade ou a lealdade. É esse ódio que faz deles criminosos e ladrões, ou seja de revolucionários profissionais. Estes profissionais da revolução que ainda existem foram criados pelo P. C. segundo afirma Cunhal no seu livro «Rumo à Vitória».

Neste livro está escrito: «Através de paralisações têm os operários conseguido a satisfação das mais diversas reivindicações: o aumento de salários, o pagamento de salários atrasados, a anulação da exigência do aumento da produção».

Cá está uma graça de Cunhal que é no nosso país e em toda a parte, um crime: a sabotagem da produção.

Pois Cunhal, o chefe comunista Cunhal, apresenta a sabotagem de produção, anulação da exigência do aumento da produção, como acto digno de louvar e apreço.

Na Rússia, o país das amplas liberdades, a sabotagem económica é crime de morte; em Portugal os comunistas vangloriam-se desse crime. Eles são criminosos por gosto, por prazer.

Outros passos do «Rumo à Vitória» são dignos de transcrição: «E não são raros como podem parecer os casos em que os patrões directamente responsáveis pelas represálias não passam sem levar uma boa sova».

Sempre a apologia do crime, sempre a apologia da violência.

Não obstante ser frequente o campónio alentejano sovar o patrão, o P. C. afirma que aquele é pressionado e perseguido por este; e afirma isto por que isto é mentira e porque esta é a principal arma comunista. O comunista é por natureza um mentiroso, um falsário.

(Continua)

Aumento de capital social e alteração parcial do pacto social

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório

Notário: Licenciada Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico; que para efeitos de publicação, que por escritura de 7 deste mês, lavrada de folhas 26 v.º a 28 v.º, do livro n.º A-61, de Notas para Escrituras Diversas do Cartório acima referido, foi alterado parcialmente o pacto social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada «Infante & Firmo, Limitada» com sede no Centro Comercial da Marina, Vila-moura, na freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, em que entraram novos sócios para a mesma e foi aumentado o capital social, pelo que foi dada nova redacção aos artigos seguintes:

Artigo Terceiro — O capital integralmente realizado em dinheiro já entrado na Caixa Social e de outros valores constantes da respectiva escrituração é de cento e cinco mil escudos, dividido em quatro quotas, três de vinte e cinco mil escudos, pertencente uma a cada um dos sócios Francisca Marques Infante, Graciete Maria Marques Fir-

mo e de José Joaquim Gonçalves, e uma do valor de trinta mil escudos pertencente, em comum e partes iguais a António José Firmo Gonçalves e Ana Maria Firmo Gonçalves.

Artigo Quinto — A gerência da sociedade, dispensada de caução — com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral, compete aos sócios, Francisca Marques Infante, Graciete Maria Marques Infante, e José Joaquim Gonçalves, que desde já ficam nomeados gerentes, sendo necessária a intervenção de dois gerentes, a especificar em Assembleia Geral, reunida para o efeito, para obrigar validamente a sociedade nos actos e contratos.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 3 de Dezembro de 1979.

A Notária, Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

VENDE-SE

Uma casa no sítio da Campina de Boliqueime, com 10 divisões, garagem, cisterna e terra com arvôres.

Tratar com José Rocheta Baguinho — Monte João Preto — Boliqueime.

O Levantamento Cultural do País

(continuação da pág. 4)

mos conferir se temos os dados todos, se eles estão certos, assim como os que, eventualmente, escaparam ao inquérito. Trata-se pois de todo um trabalho de campo a ser realizado.

A terceira fase é saber como nos vamos organizar em termos de «banco de dados», como é que vamos organizar essas informações todas.

Por último, uma vez montado esse banco de dados, eles têm que ser continuamente renovados e actualizados, porque, felizmente, a cultura é uma coisa viva — nada é perpétuo em cultura — e esse movimento que nós precisamos aqui de ter informações. Irá montar-se, portanto, um dispositivo que prosseguirá para além da terceira fase e que se encarregará dessa

continuação, dessa actualização.

— O inquérito agora em curso e os inquéritos sectoriais que se lhe seguirão permitir-vos-á, igualmente, detectar do que havia que entretanto se perdeu...

— Isso são informações que irão cair nos nossos cestos, mas não é esse o nosso objectivo. O nosso objectivo é uma acção cultural. É uma coisa viva. Mas evidentemente, não somos selvagens ao ponto de desprezar essas preciosas informações sobre o que existiu e não existe mais...

— Quantos boletins de inquérito foram distribuídos?

— Cerca de quarenta mil.

— E quantos já foram devidamente preenchidos?

— Dos 40 mil boletins do inquérito que distribuímos aos Governadores Cívicos — e foram tantos os boletins quantas as localidades que constam do censo de 1960 — recebemos até agora cerca de 37 mil respostas. O que consideramos muito bom.

— Que conclusões se podem tirar já da análise desses dados?

— Uma das primeiras conclusões que podemos tirar já de imediato dos dados já recolhidos, assim como dos contactos já havidos, é que duvidamos que esteja, desde já, implantado um conceito de cultura. Conceito que, supomos, não está suficientemente generalizado. Como, em muitos casos, também não há uma consciência daquilo que vale a cultura. Essa ignorância ou desconhecimento dá origem aos fenómenos mais estranhos, que costumamos exemplificar com esta fantasia: é o sujeito que tem à porta de sua casa a Vénus de Milo e nem sequer dá por isso. Ela é-lhe tão comum,

tão familiar, que ele não a vê...

Mas certamente o trabalho de campo irá reparar essas lacunas, desvendando determinados agentes culturais não revelados pelos inquéritos...

— O trabalho de campo não foi portanto ainda iniciado?

— Não o iniciámos ainda. Estamos a pensar em dois distritos, Setúbal e Portalegre, que irão servir de teste-piloto.

— O Levantamento Cultural chega junto das comunidades de emigrantes?

— Por enquanto o Levantamento Cultural está só a ser realizado no continente, na Madeira e nos Açores. Necessariamente que sabemos existirem um muito elevado número de emigrantes, nomeadamente em França, onde julgamos viverem cerca de 900 mil portugueses. Evidentemente que essas pessoas têm a ver com as coisas portuguesas, porque são portuguesas; têm escolas ou deveriam ter, não podem estar desfazidas do que se passa nas suas terras. Pensamos que o Levantamento Cultural tem algo também a fazer nesses sítios, porque neles há

coisas portuguesas e gente portuguesa. Simplesmente o nosso projecto é ambicioso e ainda não pudemos chegar até lá. Não sabemos quando vamos conseguir, mas isso também está nas intenções do Levantamento Cultural.

— Uma última pergunta: Qual tem sido a receptividade da Imprensa Regional ao Levantamento Cultural do País?

— Tem sido enorme. Já por duas ou três vezes pedimos o favor de publicarem uma notícia-padrão e a percentagem dos jornais que as publicaram foi enorme. E, por outro lado, a propósito do levantamento cultural, tem havido da parte de certos jornais regionais a preocupação de perguntar às diferentes entidades: então e nós?

AMENDOEIRAS

Prontas a plantar. Vende: Eduardo Lisboa Correia — Patá - Boliqueime, Tel. 66140. (4-1)

QUARTEIRATUR

AGÊNCIA IMOBILIÁRIA E TURÍSTICA

ALUGUER, VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE APARTAMENTOS — MORÁDIAS — TERRENOS

Av. Infante de Sagres, 23

Telef. 65488

QUARTEIRA — ALGARVE

(26-20)



PASTELARIA
FINA
(Fabrico Próprio)

DOCE DE FIGO e AMÊNDOA DO ALGARVE

Lembramos para o seu Natal:

Bolo Rei «Amendoal»

Chocolates em Cartonagens

Bebidas Nacionais e Estrangeiras

Largo Gago Coutinho, 22 — Telefone 62503 — LOULÉ

ESTAMOS ABERTOS AO SÁBADO À TARDE

(3-1)

A velha e gloriosa «Nau Nacional» salva-se da tormenta

(continuação da pág. 1)

mo a afundar-se eis que, miraculosamente se salva do tumultuosa tempestade, para ser doravante restaurada, reglorificada, homenageada, reconhecida, abençoada pelos fiéis, dignos e competentes tripulantes que a orientarão no prosseguimento da sua auspiciosa missão num novo e definido rumo, a caminho do seu imarvel destino.

O dia 2 de Dezembro será de futuro, pelo grandioso feito ass-

PPD/PSD preconiza

(continuação da pág. 1)

possam congregar os esforços tendentes a evidenciar carências e reivindicações daqueles portugueses tão maltratados pela chamada «descolonização exemplar» comunista-socialista.

E dentro desta ordem de ideias, que o PPD/PSD preconiza a criação de uma Casa dos Refugiados das ex-Colónias no concelho de Loulé, e, se for eleito para a Câmara de Loulé, propõe-se envidar todos os esforços tendentes a esta concretização.

Da mesma forma que o Algarve possui em diversas localidades do País, as suas Casas, com actividades culturais, desportivas, recreativas e de mais diversa índole, também desta forma julga o PPD/PSD absolutamente compreensível a criação de um centro de convívio dos refugiados das ex-colónias, onde possam reviver tempos bons e maus, e debater os problemas inerentes à sua actual situação.

O PPD/PSD, e for merecedor da confiança do eleitorado louletano, nada mais fará do que dar seguimento a uma linha de acção e pensamento de um partido de carácter nacional, amplamente implantado, e que defende os interesses dos refugiados, não de agora, mas desde sempre.

Comissão Concelhia
do PPD/PSD

AUMENTO DE CAPITAL SOCIAL E ALTERAÇÃO PARCIAL DO PACTO SOCIAL

Secretaria Notarial de Loulé

Segundo Cartório

Notário: Licenciada
Maria Odília Simão Cavaco
e Duarte Chagas

Certifico; para efeitos de publicação que por escritura de 13 deste mês, lavrada de folhas 44 a 45 v.º do livro n.º A-61, de Notas para Escrituras Diversas do Cartório acima referido, foi aumentado o capital social da sociedade «Salsa-Bar — Sociedade para Exploração de bares e divertimentos, limitada», com sede na povoação e freguesia de Almancil, concelho de Loulé, cujo Artigo Terceiro passou a ter a seguinte redacção:

Artigo Terceiro — O capital social é de um milhão de escudos, integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social e em outros valores constantes da respectiva escrituração, dividido em duas quotas de quinhentos mil escudos pertencendo uma a cada sócio.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 3 de Dezembro de 1979.

O Notário,
Maria Odília Simão Cavaco
e Duarte Chagas

nalado, distinguido como data memorável histórica dum acto, que após o 25 de Abril, se marcou por distinção como dia da nova restauração nacional pelo poder da maioria do Povo, expresso livre e democraticamente. Será a data da nova esperança e, fé no futuro da Sobra da Nação, na restauração de uma nova ordem de solidariedade e fraternidade, baseada em conceitos que nos são caros, de raiz fundamentalmente cristãos e culturais nacionais, vinculados ao passado e de acordo com os ditames da nossa civilização face à situação geográfica e opção política democrática, definida, sem lugar a dúvidas pela retumbante vitória, da «maioria absoluta», «Aliança Democrática».

FILIPPE VIEGAS

VÁRIAS MUSICAIS

Secção de JORGE PINTO

BILL HALEY & HIS COMETS «Just Rock & Roll Music» é o nome do novo álbum de Bill Haley «e os seus cometas». Inclui boas canções dos anos áureos do Rock & Roll, a maior parte das quais desconhecidas do auditório português. É o caso de I'm Walzing, de Fats Domino, C. C. Rider e Rock & Roll Music, uma versão mais «fifties» da canção dos Beatles.

É um bom disco, homogéneo e simples, com muitos bons momentos e a voz inconfundível de Bill Haley. 5 pontos.

ROBERT GORDON.

«Rock Billy Boogie» é o primeiro LP do novo cantor Rock que é Robert Gordon. Também no inconfundível estilo dos «fifties» que eu não me canso de ouvir. Con-

tando com esse formidável Rock que dá o nome ao álbum.

É um disco de Rock N'Roll, entremeado com baladas como «It's Just Make Believe».

Com uma capa não muito sugestiva, e até um pouco piroso. Merece 4 pontos.

DESASTRE MORTAL

Vítima de um acidente de viação, faleceu no dia 17 no Hospital de Faro o sr. José Manuel Rodrigues Pinguinha, que contava 23 anos de idade e era natural do Areeiro (Loulé).

O saudoso extinto era filho do sr. Manuel Pires Pinguinha e da sr.ª D. Noémia Viegas Rodrigues.

Os nossos sentidos pesames à família enlutada.

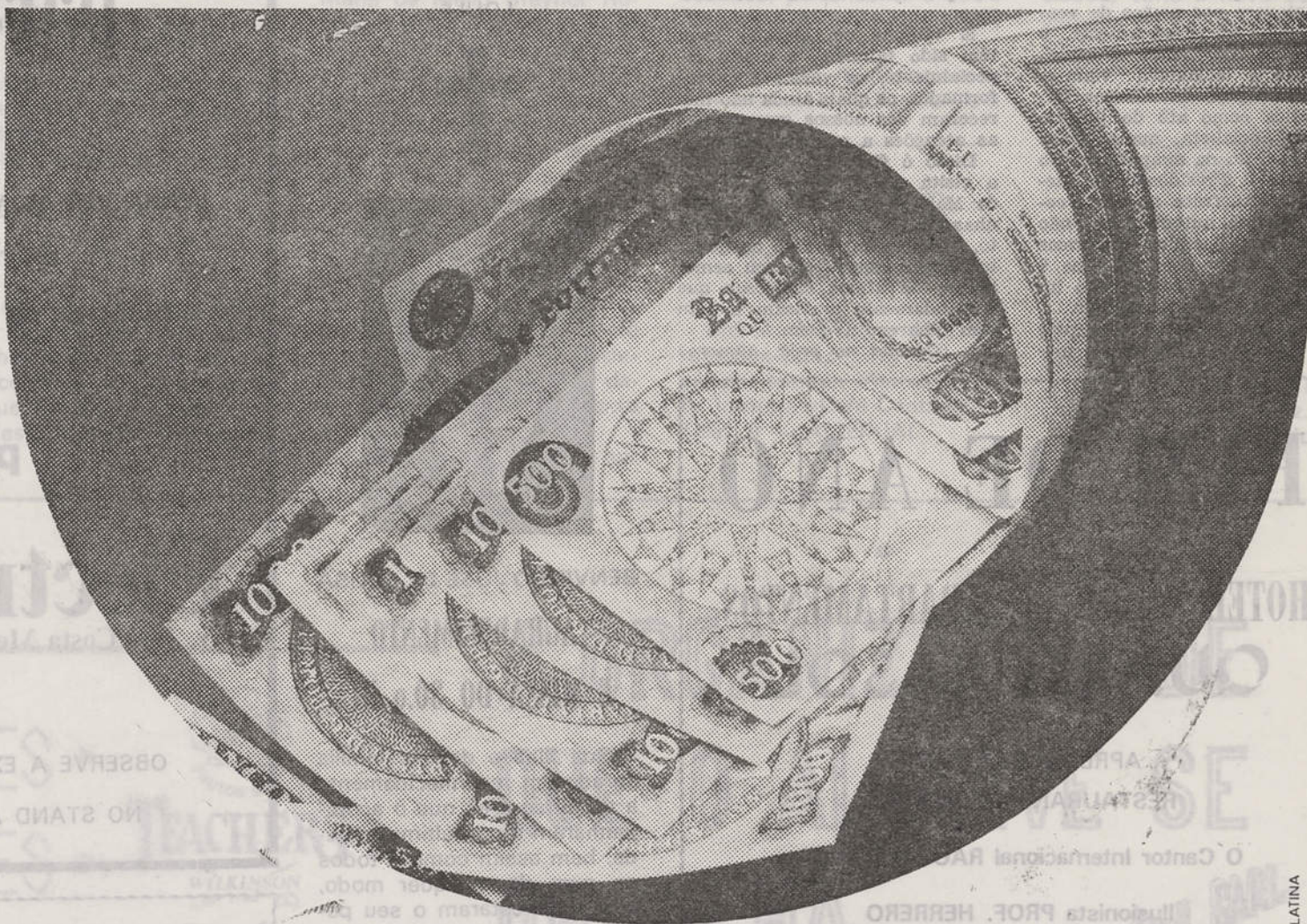
METER O PÉ NAS ARGOLINHAS

(continuação da pág. 1)

tivo dos comunistas é roubar tudo a quem tem alguma coisa e, depois, procuram legalizar esse roubo criando leis a que dão os pomposos nomes de Nacionalizações, Reforma Agrária, Auto-Gestões, Ocupações, Comissões de Trabalhadores, Controlo Operário, Conquistas Irreversíveis e outras designações de oco significado mas grande de alcance partidário e palpáveis resultados para os novos «barões do marisco».

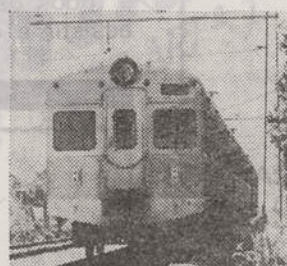
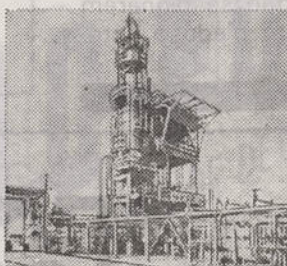
S. A.

FAÇA PUBLICIDADE
EM
«A VOZ DE LOULÉ»



O MELHOR JURO É O QUE SE VÊ POR INTEIRO

OBRIGAÇÕES DO TESOURO FIP 79



21% livres de impostos

As Obrigações do Tesouro rendem actualmente 21%, com total isenção de impostos. É lucro líquido. Um bom investimento.

As Obrigações do Tesouro dão-lhe juros iguais à taxa de desconto do Banco de Portugal mais 3%. E nunca inferiores a 15%.



As Obrigações do Tesouro são títulos do próprio Estado. Têm a garantia máxima de rendimento em segurança. Dirija-se a qualquer Instituição de Crédito e faça a sua subscrição de Obrigações do Tesouro. O melhor investimento é o que tem rendimento garantido.

OBRIGAÇÕES DO TESOURO FIP 79
o investimento mais seguro

Rumo à dignidade

(Continuação da pág. 3)

à estação da Campanhã, onde o aguardavam numeroso grupo de amigos e admiradores do seu talento, os quais formaram depois um longo cortejo automóvel que percorreu numerosas ruas da cidade, fazendo ouvir as buzinas dos seus automóveis em uníssono.

No dia seguinte o General Galvão de Melo deslocou-se ao Mercado do Bom Sucesso onde foi alvo de calorosa recepção e com momentos apoteóticos quando centenas de pessoas que o seguiam gritavam: «General-*Aliança*» e «General-amigo, o Povo está contigo». E tudo isto entre vivas de incontida alegria e efusivos apertos de mão que Galvão de Melo não se poupou a distribuir por todas as pessoas que estavam nos postos de venda e que entusiasticamente o aplaudiam. Por entre a multidão que o aclamava viam-se não só adeptos da Aliança Democrática como até do próprio Partido Socialista, numa clara demonstração da simpatia que o candidato à Presidência da República já disfrutava no norte como português autêntico que não renega os princípios históricos de uma Nação com mais de 8 séculos e que o comunismo internacional pretende destruir.

Esta sua peregrinação pelo País tem, pois, o mérito de me-

lhor poder conhecê-lo, para melhor se dar a conhecer aos portugueses a sua verdadeira personalidade.

Durante a sua permanência no Mercado do Bom Sucesso, o General Galvão de Melo ouviu muitos queixumes acerca dos galopantes preços dos géneros alimentícios e da crua e problemática da habitação, o que tem tornado cada vez mais difícil a vida dos portugueses e contribuído para o seu desespero perante a acção de governos que tão mal têm servido as vitais necessidades da população de que se apregoam defensores. É evidente que não podia ter prometido nada mas via-se que estava emocionado com tantos queixumes, exteriorizando o seu desespero perante tanta injustiça de que todos temos sido vítimas.

É vítimas em elevado grau têm sido também, e muito especialmente, os velhos e os reformados, os quais ainda não receberam dos nossos governantes as atenções a que têm direito.

Disso é flagrante testemunho a visita que o General Galvão de Melo fez ao Lar das Irmãs Pobres e que, no Porto, é um exemplo vivo do quanto pode o amor pelo seu semelhante de almas caridosas que devotadamente praticam o bem sem olharem a quem.

(Conclui no próx. número)

NASCIMENTO

● NASCIMENTO

No passado dia 20 de Novembro teve o seu bom sucesso, na Clínica de S. Gabriel em Lisboa, dando à luz uma criança do sexo masculino, a nossa conterrânea sr.^a Dr.^a D. Ana Maria Matos Lima de Sousa Pinto, licenciada em Farmácia, casada com o sr. Jorge Joaquim da Cunha de Sousa Pinto, finalista da Faculdade de Direito de Lisboa.

O recém nascido é neto materno do nosso dedicado assinante e prezado amigo sr. Adelino Gonçalves Matos Lima.

Aos felizes pais e avós endereçamos os nossos parabéns e os nossos votos de ridente futuro para o seu descendente.

LOULÉ



BENVINDO JOSÉ DE SOUSA

AGRADECIMENTO

E MISSA DO 30.º DIA

Sua filha e demais família agradecem reconhecidamente a todos aqueles que o acompanharam à sua última morada, bem assim como a todos os que, de qualquer modo, lhes manifestaram o seu pesar, não o fazendo pessoalmente por desconhecimento de endereços ou ilegitimidade de assinaturas e participam que será celebrada missa pelo eterno descanso da sua alma no dia 20 de Dezembro pelas 10 horas na Igreja Matriz, pelo que desde já renovam os seus agradecimentos a todos os que se dignarem assistir a este piedoso acto.

grande exposição de novidades philips para 1980

VENHA VER AS MAIS RECENTES INOVAÇÕES

DA TÉCNICA PHILIPS

E ESCOLHER AS SUAS PRENDAS DE NATAL

PHILIPS

Electro-Palma

Av. José Costa Mealha - Telefone: 62025 - Loulé

OBSERVE A EXPOSIÇÃO DESTA CASA

NO STAND A SEGUIR AO CINEMA

Prefira sempre

PIZÕES

A EXCELÊNCIA DE UMA AGURADENTE

VELHA DE MEDRONHOS

SOCRISTINAS — PORTIMÃO

FIM DE ANO

HOTEL APARTAMENTOS QUARTEIRASOL

APRESENTA NO SEU
RESTAURANTE MOURISCO

O Cantor Internacional RAUL PROENÇA

Ilusionista PROF. HERRERO

Grupo Folclórico de MONCARAPACHO

Conjunto Musical AQUARIUM

PARTICIPE TAMBÉM NUM SORTEIO SURPRESA

RESERVE JÁ A SUA MESA

Em funcionamento também
A DISCOTECA «O COMBOIO»

Informações e Reservas pelos

Telefones: 65421/2/3

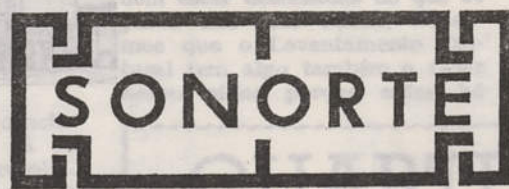
QUARTEIRA
(2-1)

Faça amigos com

BRANDY MEL

INCLUA-O NA SUAS OFERTAS DE NATAL

SOCRISTINAS — PORTIMÃO



SOCIEDADE DE ESTRUTURAS METÁLICAS DO NORTE, S. A. R. L.

- Divisórias Amovíveis SONORTE
- Tectos Falsos SONOR
- Portas de Fole ACORDIAL
- Elementos Triangulares PAL (p/ andaimes e cofragens)

TRABALHOS DE CARPINTARIA

Av. Infante Santo, 66-C * 1300 LISBOA * Tel. 60 00 82 - 67 41 58 - 67 67 05

Povo ordeiro votou na ordem democrática

(continuação da pág. 1)

destrutiva, de greves e de barulheira geral, então nas próximas eleições ele ficará reduzido a meia dúzia de «gatos pingados». Será então, a sua «alinização» e acentuar-se-á a hipolarização do regime.

Por enquanto vamos aguardar a prática governativa da AD, exigir-lhe que assuma as suas responsabilidades. O PAÍS aguarda, o PAÍS quer mudar de rumo.

Mas, estamos em vésperas de novas eleições também de extrema importância: as eleições autárquicas. É necessário que o Povo participe novamente com o sentido da responsabilidade. Todos temos consciência da urgência de uma descentralização real e efectiva. As coisas tornar-se-ão melhores se contribuímos para o desenvolvimento da nossa terra. É a electrificação, a construção de casas e de estradas, as redes de esgotos, o saneamento básico, etc.. Votar é um dever cívico e moral. Defender a nossa terra é uma obri-

gação e um princípio democrático e bairrista.

Antes das eleições tive oportunidade de alertar o BOM POVO para o voto na RAIZ PORTUGUESA. Agora vou repetir o mesmo. Porque é uma Pátria que se pretende RESTAURADA, porque é uma REGIÃO que se pretende VALORIZADA. Acima de tudo é a defesa da NACIONALIDADE em alternativa aos anseios internacionalistas e burgueses de novos expansionistas.

Como jovem não vou optar pelo senhor A ou pelo senhor B, vou muito honestamente votar por PORTUGAL.

Porque mesmo a varrer ruas nunca me venderia ao exibicionismo público e às incompetências ocultas. Se ganhar PORTUGAL há muito por varrer...

Luís Pereira

EMPREGADO

Precisa-se de empregado com conhecimento de contabilidade.

Nesta redacção se informa. (2-2)

CASA

Vende-se uma propriedade a 2 Km da vila, com casas de habitação e dependências agrícolas. Tem arvoredos de sequeiro e electricidade.

Nesta redacção se informa. (6-4)

VAI A LISBOA?

Visite e hospede-se no Hotel Lis, o mais central de Lisboa. Óptimas instalações, o melhor preço e ambiente familiar.

Situado na Av. da Liberdade, 180 — Telefones 537771 e 563434.

(8-7)

NOTARIADO PORTUGUÊS

NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A cargo da Notária
Licenciada Maria Alice
Ribeiro Fernandes

Certifico narrativamente para efeitos de publicação: — Que, por escritura de oito de Novembro de mil novecentos e setenta e nove, lavrada de folhas cinquenta e uma a folhas cinquenta e três do livro número A-quatrocentos e quarenta e uma das notas deste Cartório, D. Sofia de Melo Breyner Roquete, D. Leonor Maria de Melo Breyner Roquete, D. Madalena Maria de Mello Breyner Roquette e Dr. Álvaro Luís de Roure Ferreira Roquete, como únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Quinta da Balaia, no lugar de Branqueira, freguesia e concelho de Albufeira, sob a firma «ROQUETE & ARNOSO, LIMITADA», e unificadas as quotas do sócio Álvaro Luís Ferreira Roquete, alteraram parcialmente o pacto por que a dita sociedade se rege, tendo sido dada aos artigos quarto e sexto a seguinte redacção:

QUARTO — O capital so-

cial é de quatrocentos e cinquenta mil escudos, encontra-se inteiramente realizado e representado pelos diversos bens e valores do activo, conforme escrituração e corresponde à soma das quotas dos sócios que são: uma de duzentos e vinte e nove mil e quinhentos escudos, pertencente ao sócio Álvaro Luís de Roure Ferreira Roquete, uma de oitenta e oito mil e quinhentos escudos pertencente à sócia Sofia de Melo Breyner Roquete, uma de oitenta e oito mil e quinhentos escudos pertencente à sócia Leonor Maria de Melo Breyner Roquette e uma de quarenta e três mil e quinhentos escudos, pertencente à sócia Madalena Maria de Mello Breyner Roquette.

SEXTO — A gerência e a administração da sociedade e

a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, ficam, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado, a cargo dos sócios e ou de estranhos à sociedade, como tal nomeados em assembleia geral através da maioria do capital, podendo, no entanto, serem constituídos procuradores através de instrumento notarial outorgado sempre pela maioria do capital. A sociedade obriga-se com a assinatura de apenas um dos sócios gerentes ou de um gerente ou procurador no âmbito dos poderes que lhe forem conferidos.

Está conforme ao original. Lisboa, vinte e nove de Novembro de mil novecentos e setenta e nove.

O Ajudante,

Maria Alice da Conceição
Coutinho Robim de Matos

MOTOR

Vende-se

Marca «LISTER», de 2.500 rotações p.m.; 7 3/4 H.P., novo, por estrear. Motivo à vista. Informa «Café Central» — Telef. 9 — AMEIXIAL.

(2-2)

CASA

Vendem-se 2 casas com 20.000 m2 de terreno para semear. Dependências agrícolas, árvores de fruto e sequeiro. Tem água e luz.

Nesta redacção se informa. (6-4)

EXPORTADORES ➔ 

IMPORTADORES ➔ 

ARMAZENISTAS ➔ 

DISTRIBUIDORES ➔ 

A ORGANIZAÇÃO DE QUE O ALGARVE SE ORGULHA

EST. OS

TEÓFILO FONTAINHAS NETO Com. e Ind. SARL.

SÃO BARTOLOMEU DE MESSINES — R. JOÃO DE DEUS 55, 77 APT. 1 — TELEF. 45 306/7/8/9 — TELEX 18233 TEOF P

Depósitos:

FARO/OLHÃO
PORTIMÃO
LAGOS
TAVIRA

PESTICIDAS **BAYER**

LAMINAS DE BARBEAR **WILKINSON**

VINHOS **ARRUDA**

VINHOS VERDES **Campelo**

CERVEJAS **SUPER BOCK e Tuborg**

ÁGUAS **CASTELO DE VIDE**

REFRIGERANTES **Laranja C. e Frisumo**

VINHOS DO PORTO **POÇAS JUNIOR**

BRANDES **"MACIEIRA" e POÇAS JUNIOR**

WHISKY **TEACHER'S**

ESPUMANTES **Cavés Vice Rei**

CONSERVAS VEGETAIS E SUMOS **compal**

CARNES **TÓBOM**

Depósitos:

FARO/OLHÃO
PORTIMÃO
LAGOS
TAVIRA

PARA OS QUE TÊM OUVIDOS E NÃO OUVEM E PARA OS QUE TÊM OLHOS E NÃO VÊEM

(VI)

Ao iniciarmos o traslado do texto do folheto deixado ao País, pelo eminente homem público que foi o Dr. Marçal Pacheco, só a uma preocupação obedecemos: a de darmos aos Portugueses que se dariam ao trabalho, ou maçada, de nos ler, — *conforme fosse entendido* — das opiniões políticas, expressas por quem, como ele, foi conhecedor profundo do ambiente político vivido no seu tempo, *por demais viciado, por demais arbitrário, pela menor equidade havida, pela falta do normal direito e desigualdades flagrantes*, que sempre verberou e profundamente condenou.

E, fizemo-lo ainda, pela também *flagrante semelhança havida por parte dos políticos, e suas acções políticas, que conhecemos na nossa já não curta vida e, mais ainda, pela igualdade de métodos da política actual que dadas as lições anteriores* — que para eles de nada serviram — *considerássemos não deviam repetir-se, o que infelizmente, não vem sucedendo.*

Poderão dizer-nos! Você nada conhece de política!

E é verdade que de facto na da conhecemos de política!

Sim, repetimos, não entendemos nada da política suja, da política de habilidades, da política de desentendimentos e de acusações mútuas. E, ainda também, da política do empate e do compromisso em que os políticos se entretêm fazendo o jogo dos partidos em que militam e não a do País, ou seja aquela de que o Povo precisa! Perceberíamos sim, se a política fosse aquela que deveria ser. A política da verdade e não a das habilidades e de engano, tal qual o demonstrou o Dr. Marçal Pacheco, que é afinal, está provadíssimo, a «Porca» da política de todos os tempos.

Feitas estas considerações que nos ocorrem ao bico da pena, passemos a trasladar o que nos ensina o folheto de que vimos tratando:

FALA O VELHO PORTUGAL

«Um serviço militar obrigatório e regional, limitado à aprendizagem do manejo das armas; a permanência dos actuais quadros do oficialato para o coman-

do e instrução; o licenciamento em larga escala do actual número de praças em pé de paz; uma extensa e inteligente constituição de reservas; e a organização nas cabeças de distrito de fortes guardas municipais, aproveitando-se os elementos existentes dos corpos de fiscalização e de polícia: eis aí outras tantas bases sensatas do exército necessário à minha defesa, tanto interna como externa. Porque é que não meteis vós ombros de coragem a esta ou congere reforma que seria, a um tempo, eminentemente patriótica e economicamente produtiva?

A fabricação de pólvora, a feitura dos explosivos e a rectificação do álcool, são indústrias de vital importância, que não podem sair das mãos do Estado, pelas relações que as prendem às necessidades da minha defesa, e aos resguardos da minha higiene. Pela sua índole especial, nunca deveriam tais indústrias ser exercidas por iniciativas individuais, e ainda menos, pelo sistema de monopólios particulares. E a regie, a directa administração do Estado, o seu regimen natural: e já pelas fontes de receita que apresentam, já pela vasta base que fornecem de trabalho salariado, constituem meios precisos de governo, quando há governo que mereça este nome. Porque não há-de de regularizar-se então este serviço no trabalho social, em proveito dos meus operários, e não curais vós de abrir aí uma fonte inesgotável de receita, em favor do meu tesouro?

O trecho acima não só critica como é criador, indicando como proceder no interesse do Estado, em vez, de compadrio, com interesses particulares.

A empresa da Mala Real é devedora ao Estado de importantes somas, saídas dos meus cofres para lhe valer num momento de infortúnio, e tem aí a apodrecerem, no Tejo, ao desamparo, os seus navios, apodrecendo com eles a única garantia da solvência do meu crédito. Os aguazéis do meu fisco perseguem-me como o lobo cervai, se não entram, a tempo, nos seus bolsos as míseras mealhas dos meus pobres contribuintes, e os guardiões, do meu tesouro deixam perder, ao desbarato, tranquilamente, uma riqueza enorme que faria a fortuna de milhares

de famílias! E porque existem outros credores, que as leis mandam respeitar, e não chega para todos o espólio da empresa? Mas não são acaso, e não o foram sempre privilegiados os créditos da Fazenda Nacional, e, porventura, respeitastes vós, em nome dessas leis, os interesses legítimos dos credores da dívida pública? Pois não vos apossastes vós da Companhia Real, em nome de um crédito que sobre ela tinheis, e não a administrastes em meu nome, bem ou mal, se não cobrou o crédito que me deviam? Porque não procedeis então, por igual modo, com a Empresa da Mala Real, e não vos apossais também do que dela existe, enquanto, com ou sem convénio, me não for pago o que me é devido?».

Leram bem? Há em tal trecho muito que meditar, dados os males apontados e os remédios que não foram dados!

Mas fiquemos hoje por aqui e no artigo seguinte verifiquemos o que então se passava com o Banco de Portugal!

M. J. Vaz

À atenção dos nossos assinantes

Desde o início da publicação de «A Voz de Loulé» que ficou estabelecido que o pagamento das assinaturas seria feito adiantadamente. Foi uma norma bem aceite e cumprida com relativa prontidão durante mais de 20 anos.

Aconteceu, porém, que depois do 25 de Abril, a inflação se tornou de forma galopante que desaconselhou fazer a cobrança adiantada dos recibos, pois já não é previsível saber-se se poderemos comprar amanhã uma coisa pelo mesmo preço que compramos hoje.

Daí a razão porque nos deixámos atrasar com a cobrança dos recibos.

Habitados ao pagamento adiantado, muitos dos nossos assinantes nos enviam importâncias que depois ficam desactualizadas, o que nos causa certo embaraço.

No entanto, apesar de tantas subidas e contrariedades, conseguimos manter ainda em 1979 os mesmos preços de 1977 e é por esse valor que vamos pôr a cobrança dos recibos referentes ao 2.º semestre de 1979.

Devido aos elevados encargos com o serviço de cobrança pelos C. T. T., somos forçados a acrescentar 10\$00 em cada recibo a emitir.

E para que este encargo não resulte em pura perda, desde já agradecemos a todos os nossos prezosos assinantes o especial favor de se esforçarem por evitar a devolução dos recibos.

Mas o nosso apelo também é dirigido muito especialmente aos nossos assinantes no estrangeiro, para quem a remessa de «A Voz de Loulé» representa hoje um pesado encargo — e grande prejuízo

Dor de incompreendido

— O escritor com braços de fome

Nenhum indivíduo pode sentir as sensações de um outro indivíduo, sofrer as suas dores ou pensar as suas ideias, mas cada um de nós poderá compreender o seu semelhante pela consciência do ser...

O escritor, o poeta, o artista, desenhava o relógio das horas adiantadas. Com o pó que relembra-va flazia os ponteiros do Destino. O escritor, o poeta, o artista... olhando a velha fotografia eternamente esquecida!

Vida de ameaças, dor de incompreendido, e eu sinto-me o escritor esconçado cedo, as pedradas de cada punho, reconheço todos os dias os que me olham com rancor, por escrever sem medo de morrer nas interrogações do tempo.

Não me calo dentro de mim porque minha mão não é ruim. O silêncio doi-me. O que me espina, o que sou? Esse desgraçado com o qual não me atrevo a comparar-me? Nós parecemos tão bonitos pela nossa fidelidade à arte, e os outros riem-se dos nossos braços de fome. Eu também

não me acho um vendedor de sentimentos. O escritor, o poeta, o artista, pegou numa pedra, olhou o mundo, deixou-a cair de olhos humedecidos e construiu a sua pureza...

Bem vês, Amor, não espirro tinta comercial, não encho o papel com borrões de negócio, a minha maior exigência é a compreensão que nunca tive. Um homem fala assim quando encontra um coração, muito raro e precioso nos dias de hoje. Esse diamante é arte, poesia, a única coisa que me põe de joelhos sob o Céu.

Está bem, eu compreendo que não percebas nada... o escritor, o poeta, o artista, foi o primeiro a saber que não há nada mais perigoso que a solidão. Tem o mar a côr dos campos como o escritor soluça Amor, tudo o que drago é um peito de versos, abandonado pelas instituições, dentro da neblina social, nas horas da manhã em que levanta os olhos ninguém me conhece, mas por certo acredito que as árvores, as pedras, os cisnes e os pardais falam de mim.

Amor, não me imagines ausente por vir aqui colocar flores nas minhas mágoas. O correr do tempo, aqui e além, onde ninguém sabe, leva a minha imagem... O escritor, o poeta, o artista, logo que a noite venha eu descubro as minhas lágrimas, sei que vou sobreviver, à beira de tudo, a cair nos mesmos erros de homem eu sei entender a minha sensibilidade que se manifesta nos meus sentidos. Talvez um brado pela Paz... quando te encontro, Amor! Esta dor de incompreendido, esta voz rouca, estes dedos revoltos, obrigam-me a abrir os olhos. Se acredito na vida? Claro que me sinto libertado na minha poesia, ao encontrar-te em corpo e alma nesta Natureza, nada para mim tem sentido que não seja a praia de rio dos meus olhos, uma enorme calma quando ao fundo a vida existe na tua vontade, na tua palavra urgente que me toca a alma... é para ti, Amor, o que deixo ir de mim, hoje! Tudo! E luto contra as estátuas imóveis. Habitué-me aos volte-costas, aos vultos de raiva, aos signos ocultos. Agora percebes porque me aflige a solidão? Porque tenho ciúmes? Reponho o olhar no espaço para recordar que nunca consegui contar as Estrelas, sou tão pequenino como os meus semelhantes e tão grande como eles. O escritor, o poeta, o artista, dá luz e morre de fome? Este silêncio faz-me sofrer demasiado... eu nada peço a não ser a tua compreensão, talvez queira tudo, cada amigo é um infinito, os meus próprios passos são a procura de afecto, em todos os lugares onde me descubro e onde me revelo, porque afinal a Vida é aquilo por onde pretendo seguir! Contradições?

O escritor, o poeta, o artista, desenhava um retrato, a Sociedade de ponta fechada a dura realidade reflectida num rio de lágrimas, num choro desfilado ao vento.

Desde menino fiz um paraíso de tudo o que me rodeava. O que ganhei? Para além do rio, para além da campina, para além da montanha, eu olho todas as coisas com sensibilidade, para não me indignar tantas vezes aqui com as objecções sociais. Como dizia Goethe: «E até na vida vulgar, não é insuportável ouvir dizer, quando um homem pratica uma acção um pouquinho honesta, nobre e inesperada: aquele homem está bêbado ou é doido! Corai, porque deveis corar, vós que não sois nem bêbados nem doidos!»

Em breve não entendes palavra do que digo, eu caio de repente como um louco, incompreendido, o escritor, o poeta, o artista, pouco a pouco a vida se apaga... para que serve a obra que renasce? Amor, perdoa-me os meus disparates!

L. P.

BICADA DE CORVO OU GESTO DE SIMPLICIDADE?

Por
LUIS PEREIRA

O senhor M. FARIA é muito concretamente um homenzinho de coragem, com um coração certo e uns olhos do tamanho de um grande psicanalista. Está deveras preocupado com o meu futuro e com a minha profissão embora me admire por assinar os meus escritos.

Com um vocabulário barroco, complicado e, sobretudo, com o chá tónico da crítica clássica à maneira de um Vieira ou de um Bernardes, fugiu à regra dos seus artigozinhos singelos. E que o senhor M. FARIA pode ser um bom profissional de qualquer coisa, o que não é certamente é um jornalista famoso nem tão pouco um crítico experiente. Mas, deixemos o espírito ultrapassado do sr. M. FARIA... O que eu pretendo dizer é que todos deveriam ser abertos como este senhor, pois em vez de andarem para aí a enviarem-me beijinhos e abraços em cartas anónimas, seria muito mais bonito que se

declarassem publicamente. Com ou sem solidariedade, mas convictos de que as suas ideias é que são as melhores do mundo. Agora o que eu não compreendi lá muito bem foi a profissão que o sr. FARIA me arranjou. Então você acha que um varredor de ruas não é uma profissão honesta numa Câmara? Pois olhe que a minha opinião é que, se os componentes políticos das Câmaras trabalhassem honestamente como os varredores de ruas isto ia de outra maneira e não haveria tanta porcaria espalhada por este mundo fora... Veja lá, sr. FARIA, se você deixa de assumir esse carácter paternalista e se convença de que escrever e falar em frente de toda a gente é ainda uma virtude de uma democracia autêntica, porque quando houver repressões, intimidações e perseguições, a li-berdade por aí o pé nas argolas.

Cria-me seu amigo embora o aconselhe a fazer um exame infinito antes de se dirigir ao Luís Pereira. E que o senhor nasceu com um automóvel nas mãos e não com um caneta!

GOLFE

«Inter-Line» disputa-se no Algarve

Organizado pelo Grupo Desportivo e Cultural dos Transportes Aéreos Portugueses (TAP-Air Portugal) disputa-se no próximo fim de semana, nos relvados do Dom Pedro, em Vilamoura (Algarve) o Campeonato «Inter-Line».

Trata-se de uma competição destinada a equipas das companhias de aviação europeia, estando já confirmada a presença de equipas da Itália — Roma, British Airways — Londres, Finnair — Helsínquia, Lufthansa — Francoforte, Sabena — Bruxelas, Swis-

sair — Zurique e Tap — Air Portugal — Lisboa.

A equipa da aerotransportadora portuguesa é constituída por Sales Gomes, Luís Estrada, Manuel Aguires, Vítor Gomes, Mário Domingos, Castro Pinto e eng.º Álvaro Barreto.

Trata-se sem dúvida de um acontecimento que, para além do seu interesse desportivo, constituirá também factor de importância promocional turística para o Algarve.